

As idades da globalização

The Ages of Globalization

Leonardo BOFF

*Teólogo, Filósofo, Profesor Emeritus de la Universidad del Estado
de Río de Janeiro, Brasil*

RESUMEN

En este artículo se hace un examen acerca de las edades o períodos de la globalización como un proceso histórico que desde sus orígenes se presenta como “globocolonización”. La expansión de la cultura Occidental siempre ha estado orientada por una racionalidad universalmente dominante y depredadora al estilo de los “tiranosaurios”. Los pueblos han sido globalizados de muchas formas, simbólicas, psicológicas, económicas, espirituales, y en todas se da un principio común: más que propiciar esas libertades que pueden contribuir al desarrollo de la humanidad toda (global), se propicia la exclusión y la explotación humana y natural del mundo. La nueva era de la globalización debe ser “ecozoi-ca”, es decir, una era caracterizada por el respeto a la Tierra-Humanidad. Sólo así podremos construir la nueva conciencia de respeto a la alteridad para una auténtica existencia en la que el reconocimiento de los derechos humanos garantice de forma eficaz la convivencia entre todos.

Palabras clave: Globalización, edades históricas, teología de la liberación.

ABSTRACT

In this article a review is made of the ages or periods of globalization, seen as a historical process from its origins to the present global-colonization. The expansion of the western culture has always been oriented by a dominating and predatory universal rationalism in the “Ty-rannosaurus” style. Populations and countries have been globalized in many ways, symbolically, psychologically, economically, and spiritually, and in all of them there is a common principle: instead of offering liberty that could contribute to the development of humanity as a whole, natural and human exclusion and exploitation are promoted. The new globalization era should be “eco-zoid”, which means characterized by respect for world-humanity. Only in this way can we construct a new consciousness of respect for “the other”, for an authentic existence in which human rights are recognized, rights which guarantee an efficient manner of mutual co-existence.

Key words: Globalization, historic ages, theology of liberation.

Há milhões de anos, surgiu na África, a partir de um primata superior, o homem sapiens-demens. Milhares e milhares de anos após, começou sua dispersão, primeiro pela Eurásia, depois pelas Américas e, por fim, pela Polinésia e Oceania. No final do paleolítico superior, há quarenta mil anos, já ocupava todo o Planeta e chegava a um milhão de pessoas. Criou civilizações e estados-nações.

Mas a partir de 1492 começou um imenso processo de expansão do Ocidente. Colombo (1492) traz ao conhecimento dos europeus a existência de outras terras habitadas, com culturas totalmente diferentes. Fernão de Magalhães (1521) comprova que a Terra é efetivamente redonda e cada lugar pode ser alcançado a partir de qualquer lugar. As potências hegemônicas do século XVI, Espanha e Portugal, elaboram, pela primeira vez, o projeto-mundo. Expandem-se por África, América e Ásia. Ocidentalizam o mundo.

Esse processo se prolongou no século XIX com o imperialismo ocidental que, a ferro e fogo, submete todo o mundo conhecido a seus interesses culturais, religiosos e especialmente comerciais. Tudo é levado com extrema violência e com terror sobre os povos fracos. O carabina e o canhão falam mais alto que a razão e a religião. O Ocidente europeu se revela a hiena das gentes. Nós do extremo-Ocidente já nascemos globalizados e por experiência sabemos o que significa a globalização sentida e sofrida como globocolonização.

Esse processo culmina na segunda metade do século XX com a expansão a partir do Ocidente, nomeadamente dos EUA, da techno-ciência, como arma de dominação e de enriquecimento, das corporações multilaterais e globais que controlam os mercados nacionais, de uma cultura homogeneizadora ocidental que desfibra as culturas regionais, de um único modo de produção, capitalista, assentado sobre a concorrência que destrói os laços de socialidade e cooperação, de um pensamento único, neoliberal que se entende sobre todos os quadrantes da Terra. O mais grave, entretanto, é o fato de se ter feito da Terra uma banca de negócios, onde tudo nela é mercantilizado, vendido e feito objeto de lucro. Não se respeita sua autonomia e subjetividade como Gaia. Desconhecem-se nossas raízes telúricas e nossa origem, pois, como homens viemos da Terra, do humus, da Terra fértil, como filhos e filhas de Adão (*filho da Terra*) procedemos de Adamah (*Terra fecunda*).

A IDADE TIRANOSSÁURICA DA GLOBALIZAÇÃO

Chamamo-la tiranosáurica porque em sua virulência guarda analogia com os tiranosauros, os mais vorazes de todos os dinossauros. Com efeito, a lógica da competição, sem qualquer laivo de cooperação, confere traços de impiedade à globalização imperante. Exclui cerca de metade da humanidade. Suga o sangue das economias dos países fracos e retardatários, lançando cruelmente milhões e milhões na fome e na inanição. Cobra custos ecológicos de tal monta que põe em risco a biosfera, pois polui os ares, envenena os solos, contamina as águas e quimicaliza os alimentos. Não freia sua voracidade tiranosáurica nem face à possibilidade real de impossibilitar o projeto planetário humano. Prefere a morte que a redução de seus ganhos materiais. Bem o denunciou o geneticista francês *Albert Jacquard*: O escopo de uma sociedade é o intercâmbio. Uma sociedade cujo motor é a competição, é uma sociedade que me propõe o suicídio. Se me ponho em competição com o outro, não posso intercambiar com ele, devo eliminá-lo, destruí-lo.

Esse modelo de globalização excludente corre o risco de bifurcar a família humana: por um lado um pequeno grupo de nações opulentas se enchafurdando no consumo material com uma pobreza espiritual e humana espantosa, colocando todos os benefícios do da techno-ciência a seu serviço e por outro as multidões barbarizadas, entregues a sua própria

sorte, carvão para o funcionamento da máquina produtivista e condenadas a morrer antes do tempo, vítimas da fome, das doenças dos pobres e da degradação geral da Terra. Há mil razões para se opôr a esse tipo de globalização. Ela não pode se eternizar a preço de comprometermos o futuro da espécie humana.

A IDADE HUMANA DA GLOBALIZAÇÃO

A globalização tiranossáurica, não obstante as contradições apontadas, traz uma contribuição indispensável à globalização tomada num sentido mais amplo. Ela cria as condições infra-estruturais e materiais para as outras formas de globalização: projetou as grandes avenidas de comunicação global, construiu a rede de trocas comerciais e financeiras, incentivou o intercâmbio entre todos os povos, continentes e nações. Sem essas pre-condições seria impossível sonhar com globalizações de outra ordem. Essas sempre vinham ocorrendo junto com a econômica, sem, contudo, deter a hegemonia.

Agora, estabelecida a globalização material, a globalização humana deve resgatar seus ganhos num quadro maior e mais incluyente e buscar a hegemonia. Ela se processa, simultaneamente, em várias frentes, na antropológica, na política, na ética e na espiritual. Vejamos.

Impõe-se mais e mais na consciência coletiva a unidade da espécie humana, *sapiens e demens*. Por maiores que sejam as diferenças culturais, vigora uma unidade genética básica, temos a mesma constituição anatômica, os mesmos mecanismos psicológicos, os mesmos impulsos espirituais, os mesmos desejos arquetípicos. Embora mudem os códigos de expressão, todos são portadores de emoção, de inteligência, de liberdade, de criatividade, de com-paixão, de amorosidade, de capacidade lúdica e humorística, de musicalidade, de expressão artística e de experiência espiritual. Simultaneamente se manifesta também nossa capacidade de mesquinha, de exclusão do outro, de violência contra a natureza, de destruição, de vingança e de morte. Somos a unidade complexa desses contrários.

Mais e mais se difunde a convicção, surgida no Ocidente, sem ser ocidental, porquanto é humana, de que cada pessoa é sagrada (*res sacra homo*) e sujeito de dignidade. Ela é um fim em si mesmo e jamais pode ser rebaixado a meio para qualquer outra coisa. Ela é um projeto infinito, a face visível do Mistério do mundo, um filho e filha de Deus. Em nome desta dignidade se codificaram os direitos humanos fundamentais, pessoais e sociais. Detalharam-se em seguida nos direitos dos povos, das minorias, das mulheres, das crianças, dos idosos e dos doentes. Por fim, se elaborou a *dignitas Terrae*, traduzidos nos direitos da Terra como super-organismo vivo, dos ecossistemas, dos animais e de tudo o que existe e vive.

A democracia como valor universal a ser vivido em todas as instâncias humanas penetra lentamente nas visões políticas mundiais. Vale dizer, cada ser humano tem direito de participar do mundo social que ajuda a criar com sua presença e trabalho. O poder deve ser controlado para não se transformar em tirânico. A violência não é o caminho para soluções duradouras, mas o diálogo incansável, a tolerância constante e a busca permanente de convergências nas diversidades. A paz é simultaneamente método (usar sempre meios pacíficos ou o menos destrutíveis possível) e meta como fruto do cuidado de todos por todos e da Casa Comum, da justiça societária irrenunciável. As instituições, por diferentes que sejam, devem ser minimamente justas, equitativas e transparentes.

Um consenso mínimo para uma ética global se concentra na *humanitas* da qual todos e cada um são portadores. Mais que um conceito, a *humanitas* é um sentimento profundo de que somos, finalmente, irmãos e irmãs, viemos de uma mesma origem, possuímos a mesma

natureza físico-química-bio-sócio-cultural-espiritual e participamos de um mesmo destino. Devemos tratar a todos humanamente segundo a lei áurea: “não faças ao outro o que não queres que te façam a ti”.

A reverência face à vida, o respeito inviolável aos inocentes, a preservação da integridade física e psíquica das pessoas e de todo o criado, o reconhecimento do direito do outro a existir e ao modo como existe constituem pilstras básicas sobre as quais se constrói a sociabilidade humana, os valores e o sentido de nossa curta passagem por esse Planeta.

Experiências espirituais do Oriente e do Ocidente, dos povos originários e das culturas contemporâneas se encontram e intercambiam visões. Por elas o ser humano se re-liga à Fonte originária de todo o ser, cria um laço misterioso que perpassa todo o universo e re-unifica todas as coisas inter-retro-conectadas num todo dinâmico e aberto para cima e para frente. São essas experiências espirituais, concretizadas em diferentes religiões e caminhos, que formam a interioridade humana e rasgam os horizontes mais vastos que vão para além deste universo e se abrem para o Infinito. Só nessa dimensão de extrapolação e de superação de toda medida, de todo espaço/tempo e de todo o desejo é que o ser humano se sente realmente humano. Esta lição já nos legaram os gregos.

A era humana da globalização não ganhou ainda a hegemonia. Mas seus ingredientes são identificáveis e estão fermentando a massa da história e as consciências. Ela vai irromper, gloriosa, um dia. Inaugurará a nova história, da família humana, que caminhou por tanto tempo em busca de suas origens comuns e de sua Casa materna.

A IDADE ECOZOICA DA GLOBALIZAÇÃO

A expressão ecozoico foi criada por dois americanos, um cosmólogo, Brian Swimme e por um antropólogo das culturas, Thomas Berry, co-autores de um prestigiado livro *A história do Universo*. É a era que segue o cenozoico, contada a partir de 65 milhões de anos atrás, quando após a catástrofe que dizimou os dinossauros, os mamíferos conheceram um desenvolvimento nunca antes havido. Nós seres humanos surgimos no arco do cenozoico, como um mamífero complexo e avançado.

Agora inaugurar-se-ia uma nova era, caracterizada por um novo acordo de respeito, veneração e mútua colaboração entre Terra e humanidade. É a era da ecologia integral, daí o nome ecozoica. Nós, seres humanos, conscientizamos o fato de sermos um momento de um proceso de bilhões e bilhões. Encontramo-nos agora numa teia de relações vitais das quais somos co-responsáveis. Podemos potencializar a vida, os ecossistemas e o futuro de Gaia bem como podemos ameaça-la, frustrar nosso destino e dizimar a biosfera. Depois de tantas intervenções nos ritmos da natureza, sem cuidarmos das consequências prejudiciais, agora nos damos conta de que devemos preservar o mais que podemos e regenerar as feridas infligidas.

Está nascendo uma nova benevolência para com a Terra. Ela é qual nave espacial com recursos abundantes mas limitados. Só com a sinergia entre todos podemos fazer que esses recursos sejam suficientes para toda a comunidade de vida. Ou cuidamos uns dos outros e juntos cuidamos da Terra, de seus ecossistemas e da imensa biodiversidade ou nosso futuro não está garantido.

Essa preocupação deve englobar a todos e fundar a nova era da globalização. Será a era da autêntica humanização do ser humano que viverá a partir de sua singularidade, como ser comunitário, ser de cooperação, ser de com-paixão, ser ético que se responsabiliza por seus atos para que sejam benfazejos para o todo e para o futuro comum da Terra e da Humanidade.

Desta ótica nasce uma nova ética. Por todos os lados surgem forças seminais que buscam e já ensaiam um novo padrão de comportamento humano e ecológico. Ele crescerá, por maiores que sejam as dificuldades, até se impor hegemonicamente. Representará aquilo que Pierre Teilhard de Chardin chama de *noosfera*. Seria aquela esfera na qual as mentes e os corações (sentido grego de *noos*) entrariam numa nova sintonia fina, caracterizada pela amorização, pela mutualidade entre todos, pela espiritualização das intencionalidades coletivas. Estas se coordenariam para garantir a paz, a integridade da criação e o substrato material suficiente e até abundante para todos os humanos. Agora, livres e desafogados, podemos viver nossa dimensão específica de con-viver humanamente como irmãos e irmãs, de conjugar trabalho com poesia, eficiência com gratuidade, de de re-ligar as subjetividades, de poder brincar e louvar como filhos e filhas em casa.

Essa consciência de mútua pertença Terra-Humanidade vem reforçada poderosamente pela nova visão que os astronautas nos possibilitaram. Lá de suas naves espaciais ou da Lua nos transmitiram o impacto profundo que sofreram, como notamos no testemunho do astronauta Gene Cernan: “Eu fui o último homem a pisar na lua em dezembro de 1972. Da superfície lunar olhava com temor reverencial para a Terra num transfundo de azul muito escuro. O que eu via era demasiadamente belo para ser captado, demasiadamente lógico, cheio de propósito para ser fruto de um mero acidente cósmico. A gente se sentia, interiormente, obrigado a louvar a Deus. Deus deve existir por ter criado aquilo que eu tinha o privilégio de contemplar”. *Sigmund Jähn*, outro astronauta, ao regressar à Terra expressou assim a modificação de sua consciência: Já são ultrapassadas as fronteiras políticas. Ultrapassadas também as fronteiras das nações. Somos um único povo e cada um é responsável pela manutenção do frágil equilíbrio da Terra. Somos seus guardiães e devemos cuidar do futuro comum.

Essa percepção da Terra vista fora da Terra dá origem a uma nova sacralidade. Nasce o sentimento de veneração e de respeito. Talvez o sentido secreto das viagens ao espaço exterior tenham esse significado profundo, com fina intuição expresso por outro astronauta J. P. Allen: Discutiu-se muito, os prós e os contras com referência às viagens à Lua; não ouvi ninguém argumentar que deveríamos ir à Lua para poder ver a Terra de lá. Depois de tudo, esta foi seguramente a verdadeira razão de termos ido à Lua.

E de lá da Lua não há distinção entre Terra e Humanidade. Ambas formam uma única entidade. A Humanidade não está apenas sobre a Terra, ela é a própria Terra que, como dizíamos anteriormente, se comove, se volta sobre si mesma, ama, cuida e venera.

Transformar essa consciência num estado permanente, sem que precisemos pensar, significa viver já dentro da era ecozoica. Muito precisamos evoluir ainda para que tal consciência se imponha coletivamente. Mas os primeiros passos já foram dados. Um pouco mais e mais um pouco ela inundará toda nossa consciência que então passará um novo estágio.

A Carta da Terra, texto produzido ao largo de quase dez anos de trabalho pelo mundo afora por representantes de todos os Continentes e destinado a ser assumido pela ONU com o mesmo valor que a Carta dos Direitos Humanos vem perpassado pela visão ecozoica. Em sua introdução diz o documento: “A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única... O espírito de solidariedade humana e de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vivemos com reverência o mistério da existência, com gratidão pelo presente da vida, e com humildade considerando o lugar que ocupa o ser humano na natureza... Nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados e juntos poderemos forjar soluções includentes... A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e

uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida”.

Essas mudanças, não obstante os obstáculos que a era tiranossáurica cria, estão ocorrendo no seio da humanidade, nos jovens, nos estudantes, nos trabalhadores, nos técnicos, nos pesquisadores, nos religiosos, enfim, em tantos homens e mulheres que se sentem re-féns de um paradigma que os desumaniza e lhes destrói um horizonte benaventurado e que se comprometem para fazer revoluções moleculares a partir de si mesmos e irradiando sobre todo o curso da sociedade.

Para que essa globalização humana e ecozóica possa irromper e se consolidar precisamos de algumas virtudes básicas, todas elas ligadas à hospitalidade e à convivência com o outro, o diferente e o estranho. O tempo do exílio terminou. As tribos todas da Terra agora se encontram na grande taba comum, no ilê comunitário, no seio da grande e generosa Mãe Terra. Em fim....

PROCESSOS DE GLOBALIZAÇÃO E DESAFIOS À TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Uma das singularidades da teologia da libertação reside em seu método. Ela procura partir da realidade histórico-social (1), vista na ótica das vítimas (2) e iluminada pela fé cristã (3), visando uma prática transformadora(4), no sentido de resgatar os pobres e oprimidos mediante uma sociedade a ser construída politicamente mais participativa, economicamente mais inclusiva, culturalmente mais pluralista e religiosamente mais ecumênica.

Que desafios a globalização coloca para esse tipo de reflexão religiosa, nascida no Terceiro Mundo nos anos 70, mas hoje assumida por muitos da comunidade ecumênica a nível mundial?

Vejamos, primeiramente, o fenômeno da globalização para depois identificar alguns desafios.

GLOBALIZAÇÃO: TENDÊNCIA DA ANTROPOGÊNESE

Já nos acostumamos a ver o cosmos como cosmogênese e a antropologia como antropogênese. O ser humano já há milhões de anos está sendo construído e ainda não terminou o seu processo. Há nele uma tendência de expansão para todos os recantos da terra. Em razão disso soube adaptar-se a todos os ecossistemas desde as geleiras do Antártico até às regiões tórridas do Saara. É o triunfo biológico da espécie homo. A globalização está presente na dinâmica desta tendência ancestral. Ela se transformou num verdadeiro projeto a partir do século XVI quando a cultura européia rompeu todas as fronteiras. Criou o projeto-mundo. Esta vontade de globalização se mostrou tecnicamente possível em 1521 quando Fernão de Magalhães fez o périplo ao redor da Terra. Do século XVI até hoje deu-se a ocidentalização do mundo. A cultura ocidental conseguiu impôr a todos os povos sua forma de acercar-se da natureza mediante a tecno-ciência, sua maneira de organizar a sociedade (a democracia representativa), sua visão da pessoa humana (cidadão com direitos inalienáveis), e a maneira de entender e cultuar Deus (cristianismo como religião hegemônica no mundo).

Esse processo ocorreu sob grande violência. Houve o maior etnocídio da história por ocasião da invasão do México e do Peru; em 70 anos onde havia 25 indígenas restou apenas um. A África foi colonizada e totalmente desestruturada. O Oriente sofreu um enorme impacto da força militar e econômica do Ocidente. Veneráveis tradições espirituais foram debilitadas pela penetração religiosa e cultural da Europa. É a assim chamada a idade tira-

nossáurica da globalização. Mas ela criou as bases para uma mundialização hoje extremamente acelerada e também diversificada. Ela se realiza, fundamentalmente, em três vertentes: a econômica, a política e a espiritual.

GLOBALIZAÇÃO PELO MERCADO MUNDIALIZADO

A globalização se faz, em primeiro lugar, através da economia. Todas as economias são interdependentes, os mercados regionais se integram no mercado mundial. Três fatores dinamizam a globalização econômica.

O primeiro é o surgimento de megaconglomerados e corporações estratégicas que atuam num nível global. Não são mais transnacionais, mas empresas mundiais. Assim a Mitsubishi de base japonesa atua em todo mundo em 90 setores diferentes. Semelhante a ela, a Daimler-Benz, a Ciba-Geygy e outras. As grandes empresas trabalham em parceria mundial, assim a Ford(USA) com a Mazda (Japão), a General Motors com a Isuzu, a Fiat com a Nissan etc. Estes conglomerados agem em nível planetário, muitas vezes sem o controle dos Estados, consoante os mercados e as vantagens lucrativas.

Segundo, a continentalização das economias dentro do processo maior da globalização: assim o Mercado Comum Europeu, o Nafta (USA, Canadá, México), Tigres asiáticos, Mercosul (Brasil, Argentina, Uruguai). Entre estes blocos vigoram guerras econômicas. A concorrência provoca grandes avanços tecnológicos ao mesmo tempo que agrava a crise ecológica e aumenta o fosso entre os países tecnicamente desenvolvidos e os atrasados.

Terceiro, o surgimento de elites orgânicas transnacionais que objetivam o gerenciamento econômico e político da Terra, relativizando o papel do Estado e dos projetos nacionais. Tal fato obriga a repensar o papel dos estados-nações e formula a exigência de um governo central planetário que articule os interesses mínimos coletivos da Terra como um todo e da humanidade como espécie.

GLOBALIZAÇÃO PELA POLÍTICA

Junto com o processo econômico caminha o processo político. Por causa do Ocidente praticamente todos os povos se organizaram em estados-nações. A idéia de democracia penetrou nos hábitos políticos de todos os países, seja a democracia como valor universal a ser vivido nos relacionamentos humanos na escola, nas comunidades e no processo produtivo, seja como forma de organização do poder de Estado. A democracia somente funciona quando se cria uma atmosfera de respeito e de promoção dos direitos humanos pessoais e coletivos. Os direitos humanos supõe, por sua vez, certa compreensão do ser humano como um fim em si mesmo e nunca como meio (a permanente contribuição ética de Kant), o que não é de fácil assimilação pelos povos orientais. Por causa desta compreensão antropológica e da validade universal dos direitos humanos, todo poder para ser legítimo deve ser delimitado por uma constituição e ser controlado pelo povo ou por seus representantes. As guerras mundiais e particularmente a guerra do Golfo em 1991 mostraram, pelo lado reverso, o processo de globalização. Todos as nações tiveram que posicionar-se, ficando todos envolvidos, globalizados a partir da potência hoje hegemônica, os Estados Unidos da América.

Nos últimos anos, três dados tornaram patente a globalização, pois efetivamente englobam a todos sem exceção: o processo de comunicação, o perigo nuclear e o alerta ecológico. As comunicações(1) fazem de todos uns vizinhos dos outros e nos revelam a unidade da espécie humana, para além de todas as diversidades. Depois da mídia a humanidade nunca mais será a mesma. As armas nucleares e químicas(2) podem destruir várias vezes a humanidade e

ameaçar perigosamente toda a biosfera. Não haverá uma arca de Noé que salve alguns e deixe perecer os demais. Todos os humanos podem degenerar e perecer. O alerta ecológico(3) foi acionado a partir de 1972 com o Clube de Roma. O relatório, em muitos aspectos discutível, em essência diz uma verdade constatável: o tipo de desenvolvimento técnico-industrial adotado implica uma sistemática agressão à natureza, um esgotamento de recursos não renováveis e uma grande degradação da qualidade de vida para todos os seres vivos. O efeito estufa, o envenenamento do solo e do ar e o buraco de ozônio podem produzir malefícios irreparáveis para a biosfera. A morte revela formas insuspeitadas de ecocídio (morte de ecossistemas), de biocídio (morte de espécies vivas) e de geocídio (morte da Terra-Gaia).

GLOBALIZAÇÃO PELA ESPIRITUALIDADE

Os fatores econômico e político-ecológico geraram outro fator de globalização: a nova consciência planetária. Somos corresponsáveis pelo nosso destino comum, do ser humano e da Terra. Formamos, na verdade, - ser humano e Terra - uma única entidade. Pela primeira vez na história da antropogênese podemos ver a Terra de fora da Terra. É a visão dos astronautas, visão que muda as consciências. O astronauta Russel Scheickhart ao regressar à Terra testemunhava a mudança de paisagem mental: Vista a partir de fora, a Terra é tão pequena e frágil, uma pequenina mancha preciosa que você pode cobrir com seu polegar. Tudo o que significa alguma coisa para você, toda a história, a arte, o nascimento, a morte, o amor, a alegria e as lágrimas, tudo isso está naquele pequeno ponto azul e branco que você pode cobrir com seu polegar. E a partir daquela perspectiva se entende que tudo mudou, que começa a existir algo novo, que a relação não é mais a mesma como fora antes.

O ser humano não habita simplesmente na Terra. Ele é Terra (*humus=homo=homem*). Ele é a Terra que caminha, como diz o poeta cantante argentino Atauhalpa Yupanqui, a Terra que pensa, que fala e que ama. Entre as pedras, as montanhas, os oceanos, as florestas, os animais e os humanos não há adição como se fossem partes separadas. Todos estamos interligados e organicamente relacionados. Se vida e não-vida se opusessem, teríamos por um lado o mundo mecânico e por outro o mundo biológico e em seguida o mundo humano, todos separados por barreiras intransponíveis. Ora, as ciências da Terra nos mostram que estas barreiras não existem. A matéria não pode ser vista como algo estático, mas como algo que se caracteriza pela reatividade, pela criatividade e pelo diálogo. A vida é uma emergência da Terra. E a vida humana é uma emergência da história da vida. A moderna cosmologia que vai divulgando esta visão por todo o mundo, nos faz compreender que o universo é um imenso processo evolutivo de 15 bilhões de anos, processo único, complexo, contraditório (caótico e harmônico) e complementar que une todos os seres, vivos e “não vivos” por uma teia de relações de sorte que ninguém vive fora da relação. A seta do tempo vai mostrando uma direção: o aparecimento de ordens cada vez complexas, auto-organizadas, interiorizadas e convergentes de vida e de expressão criativa (*autopoiesis*). Esta compreensão nos fornece a base experimental e científica necessária para entendermos o atual processo de globalização, como um momento de um processo anterior, infinitamente maior de convergência de energias, intencionalidades e dinamismos que estão atuando no universo desde o começo. Tudo isso explica o nosso processo atual de globalização. A nossa globalização, por sua vez, - perguntamos com Teilhard de Chardin - não estaria criando as condições para um salto qualitativo no processo da antropogênese: a irrupção da noogênese e da noosfera, quer dizer, a gênese e a esfera do espírito? Surgiria, segundo esta hipótese, uma unidade superior entre os humanos, de suas mentes, de seus espíritos e de

seus corações,dando origem a uma nova história do universo e da própria especie *homo*, possivelmente mais solidária e fraterna.

Esta consciência que vai lentamente se globalizando cria também uma espiritualidade. Entendemos por espiritualidade não tanto uma atitude religiosa, mas uma atitude humana de respeito e veneração pela grandeza e majestade do universo e de admiração pela complexidade da vida sobre a Terra. O ser humano se conscientiza que pode captar as mensagens que vêm de todas as coisas, pois cada uma tem uma longa história a contar e que ele pode dialogar com o seu universo interior, com as energias, arquétipos e paixões que aí emergem,fazendo o seu processo de individuação que lhe produz paz e serenidade em sua vida. Para as pessoas religiosas o profundo é habitado por Deus e dialogar com a interioridade profunda é pôr-se na escuta da Palavra divina. Mais e mais se percebe em todo o mundo uma grande sede de espiritualidade, de encontro com o elo perdido que permite uma experiência de re-ligação de todas as coisas e de todas as experiências,conferindo sentido para a vida, a verdade de toda religião.

DESAFIOS PARA A TEOLOGIA LATINO-MERICANA DE LIBERTAÇÃO

A teologia (de libertação ou não) vê o processo de globalização como um sinal a ser interpretado. Deve ser saudado como a realização de uma tendência do processo cosmogênico e antropogênico. E com tal, para as pessoas de fé, é um sinal do desígnio de Deus. O ser humano é essencialmente um no-de-relações. A globalização permite realizar sua vocação essencial de uma forma muito mais radical que em qualquer outra época anterior.

Entretanto, a teologia da libertação se caracteriza pela ótica mediante a qual lê os fenômenos, que é a perspectiva das vítimas. Ela pergunta: nesse processo de globalização como entram os pobres e oprimidos? E aqui a reflexão teológica assume uma dimensão profética. Vamos analisar, na ótica dos pobres e oprimidos, cada um dos vetores de globalização.

Com referência à globalização via mercado total: ela se realiza dentro dos quadros da ordem do capital. Por causa da lógica própria do capital que privilegia a apropriação privada dos lucros, a concorrência, a maximalização dos proveitos, a globalização se faz com grande exclusão de países e massas humanas. Tomemos alguns dados do World Development Report do Banco Mundial de 1993 e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento de 1992(PNUD). Ai se diz: nos últimos 25 anos,quando começou a acelerar-se a globalização (1965-1990) a riqueza global cresceu 10 vezes, enquanto a população do Planeta apenas dobrou. Neste período,a parcela da riqueza apropriada pelos países ricos aumentou de 68% para 72%, enquanto sua população passou de 30% para 23% da população mundial. A parcela de riqueza em mão de 20% mais ricos da população mundial aumentou de 72% para 83%, enquanto a que coube aos 20% mais pobres caiu de 2,3% para 1,4%. Esse tipo de desenvolvimento globalizado custa 40.000 pessoas que morrem cada dia de fome ou de subnutrição. Roger Garaudy comenta: isso custa ao Sul o equivalente a uma Hiroshima cada dois dias. Tal distorção mostra que o mercado de tipo capitalista é profundamente anti-social. Ele não produz em função das necessidades humanas mas em função das demandas do próprio mercado. Não somos contra o mercado que é a instituição central das sociedades modernas. Não aceitamos *este tipo* de mercado que é vitimatório para as grandes maiorias da humanidade.

A crescer a fome no mundo, a aumentar a exclusão da maioria dos países que não controlam as tecnologias de ponta e a agravar-se o déficit da Terra com crises ecológicas que se anunciam, ver-nos-emos, certamente, obrigados - caso queremos sobreviver - a tro-

car o sentido da economia. Não mais como o crescimento material linear e ilimitado mas como a produção social do suficiente para todos os humanos e para os demais seres vivos da criação. Esta postulação é assumida pela teologia da libertação.

Com referência à globalização pela política: a teologia da libertação vê com reserva o processo de homogeneização mediante a generalização dos valores políticos e culturais do Ocidente, que no cômputo global da *historia mundi* é mais e mais um acidente. O desafio é apoiar-mos sociedades multiculturais e multireligiosas, respeitando as várias formas de organização social e política, embasadas nas respectivas culturas. O desafio maior consiste em gerar, a partir de baixo, formas de convivência que incluam o mais possível a todos, especialmente, aqueles que foram historicamente excluídos. Isso se fará se estiverem presentes estes quatro pés, como numa mesa, que sustentam a vida social: a participação, a busca da igualdade, o respeito da diferença e o incentivo da comunhão entre as subjetividades humanas.

Com referência à globalização pela espiritualidade: os teólogos da libertação estão convencidos de que não somente os oprimidos devem ser libertados, mas todos os homens. Todos vivemos escravizados sob um paradigma que nos inimiza e distancia da natureza. Não só os pobres gritam. A Terra também grita sob a agressão sistemático do tipo de desenvolvimento feito contra a natureza e não com ela. A teologia da libertação incentiva o resgate do caráter sagrado da Terra, resgate as tradições espirituais das culturas oprimidas e dos pobres que, geralmente, têm veneração e respeito pela Terra como a Grande Mãe. Essa atitude poderá limitar a ganância moderna e permitirá uma nova experiência de Deus no universo que supere os famosos dualismos do cristianismo ocidental, entre Deus e o mundo, a alma e o corpo, o feminino e o masculino. Os teólogos da libertação estão convencidos de que somente um cristianismo que rompe suas alianças com os poderes deste mundo e relativiza sua encarnação na cultura ocidental e que assume a causa dos condenados da Terra que são hoje 2/3 da humanidade poderá reivindicar a herança de Jesus. Não um cristianismo de dominação mas de libertação é útil à globalização e ajuda num tipo de globalização que busca convergências na diversidade não só em termos econômicos, políticos e culturais, mas também religiosos.

BIBLIOGRAFÍA ESSENCIAL

- Boff, L., *Dignitas Terrae: ecologia, grito da Terra, grito dos pobres*, São Paulo, Atica 1995
- _____, *Ecology & Liberation. A New Paradigm*, Maryknoll, N. York, Orbis Books 1995.
- _____, *Eine nue Erde in einer neuen Zeit. Plädoyer für eine planetarische Kultur*, Düsseldorf, Patmos 1994.
- Dreifuss, R. A., *Transformações globais: uma visão do hemisfério Sul*, Rio de Janeiro, PACS/PIES/.SC 1991.
- Granrut, Ch., “La mondialisation de l’économie. Eléments de synthèse”, em FAST, Bruxelles 1990.
- Hinkelhammert, F., “La lógica de la expulsión del mercado capitalista mundial y el proyecto de liberación”, em *Pasos*, San José de Costa Rica 1992.
- Houtart, F., “A mundialização da economia”, em *Cadernos de Fé e Política*. nº 11, 1994, 59-82.
- Kurz, R., *Der Kollps der Modernisierung. Vom Zusammenbruch des Kasernen-Sozialismus zur Krise der Weltökonomie*, Frankfurt, Vito von Eichborn Verlag 1991.
- Ingelhardt, R., *Sociopolitical change in global perspective: Preliminary findings from the 1990 World Values Survey*. Institute for Social Research, University Michigan 1990.
- Morin, E., *Terre-patrie*, Paris, Seuil 1993.
- Petrella, R., *The globalization of technological innovation*, Bruxelles, FAST 1992.
- Robin, J., *Changer d’ère*, Paris, Seuil 1989.